



Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul

## INTER-RELAÇÕES ARQUITETÔNICAS BRASIL - ÁFRICA

Publicado no site em 28/05/2008

Arq. Günter Weimer [1]

Pronunciamento de Posse como Membro Efetivo do  
Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul  
28 de maio de 2008





## Introdução

Ao tomar assento entre os ilustres membros deste Instituto de historiadores e de geógrafos, sinto-me extremamente honrado por ter recebido este envidecedor convite, especialmente, pelo fato de que não tenho formação básica em nenhuma destas duas especialidades. Ao longo de minha vida profissional, isso causou impedimentos para o exercício da atividade de historiador, apesar de poder comprovar que sou mestre em história da cultura e doutor em teoria e história da arquitetura. Conformado em meu destino de um historiador de segunda categoria, vejo-me agora surpreendido com o reconhecimento da parte dos ilustres membros desta instituição em julga-me digno desta honraria. De minha parte, só me resta exprimir aqui meus mais sinceros agradecimentos e apresentar minha disposição em colaborar de todos os modos possíveis para o aperfeiçoamento e engrandecimento desta instituição.

Ao que me consta, reza a tradição de que cada neófito, ao tomar posse de uma cadeira numa instituição semelhante a este Instituto ficava obrigado a fazer um elogio patronímico de sua cadeira ou de seu último ocupante. Por isso mesmo fiquei muito surpreso ao saber do senhor presidente desta Casa que não era um discurso deste teor que era esperado de minha parte, mas sim um relato das atividades de pesquisa que estou desenvolvendo presentemente.

Após de minha última aposentadoria, depois da estressante ciranda de ter de publicar um certo número de trabalhos para manter em forma o Currículo Lates, resolvi fazer uma revisão em minha produção para ver o havia de fundamental ainda a ser realizado. Segundo as normas do "politicamente correto", começava as minhas aulas de história da arquitetura brasileira dizendo que nossa formação étnica e cultural básica consistia na hibridação de indígenas, portugueses e negros. Essa premissa, apesar de sua postura eminentemente democrática, trazia consigo, no entanto, um sério problema: a escassez de dados tanto sobre a arquitetura dos selvícolas como dos africanos. Isso, no entanto, segundo pude verificar em levantamentos de opinião dos estudantes, não causava problema porque, por unanimidade, os mesmos eram de convicção que as aulas sobre a cultura destas duas etnias eram as mais murrinhas do programa da disciplina.

Uma vez que a aposentadoria que espero definitiva, me facultava a possibilidade de me dedicar à pesquisa sem ter de comprovar números de páginas publicadas, decidi me dedicar ao estudo da origem destas duas populações basilares de nossa formação com o intuito de desvendar quais eram as concepções arquitetônicas e urbanísticas que estavam escondidas nos baús de suas memórias que vieram de contrabando da Sibéria e da África. Creio não será necessário sublinhar que uma empresa deste porte esbarrava em enormes dificuldades a começar pela escassez de bibliografia e a terminar pelo sistemático desinteresse da intelectualidade nacional em se ocupar com o tema. Noutros termos, pude verificar que se tratavam de dois excelentes temas para preencher a vida de um aposentado "desocupado".

Dentre os dois temas aos quais venho me dedicando concomitantemente, resolvi trazer para minha estréia nesta Casa um resumo de minhas pesquisas sobre a inter-relação Brasil-África da arquitetura. E isso, por várias razões. Entre elas destaco que a questão indígena foi objeto de um número relativamente grande de antigos membro deste sodalício especialmente por via de estudos sobre as missões jesuíticas. Não sou pioneiro – longe disso – no estudo sobre o negro, porém alimento a pretensão de ter me aprofundado no estudo da arquitetura africana.

Senão, vejamos:

O continente africano é 1,7 vezes maior que a América do Sul e, apesar de ter em seu território vastas áreas desérticas, sua população é 2,3 vezes maior que a de nosso subcontinente. Isso significa que sua população, nas regiões habitadas, é bastante mais densa que a sul-americana. Demograficamente, está dividida em África Branca e Negra. Estas não poder ser confundidas entre si. A primeira é constituída de povos de tez clara, de provável origem do oriente próximo e que ocupam toda o costa mediterrânea do continente e os contornos ocidentais e meridionais do Saara. Trata-se, portanto, de um refluxo para a África de uma população que se tornou clara em sua longa estadia no continente asiático e que apresenta características muito diferentes da população da África Negra. Esta é ocupada por uma população negróide e que ocupa as regiões a sul e a leste do Saara e em parte do Vale do Nilo. No presente trabalho só nos ocuparemos do último contingente posto que é este que forneceu os imigrantes para o Brasil.

Na África Negra são faladas qualquer coisa em torno de mil línguas diferentes. Isso vale dizer que devem existir um número semelhante de culturas arquitetônicas diferentes. Como cada uma delas se diversificam em numerosos programas (templos, palácios, prédios administrativos e comunais, praças, vias urbanas e rurais, construções de defesa, etc.), fomos levados a nos centrar na apreciação das moradias e nas suas conurbações que são os programas mais recorrente na arquitetura.

Etnograficamente, a população negra está dividida em oito grandes linhagens assim distribuída: 1) os nilotas que são os mais bem conhecidos devido aos estudos realizados sobre o Egito antigo e que habitam a estreita faixa do alto vale do Rio Nilo; 2) os hamitas que habitam o assim o assim chamado "corno" ou "chifre" da África; 3) os nilota-hamitas que habitam os entornos dos grandes lagos da África central; 4) os sudaneses que ocupam a extensa faixa de terras habitáveis entre o Saara e o Golfo da Guiné e mais além, adentrando-se pelo continente em direção ao oriente, pelo lado norte da grande floresta equatorial; 5) os *bacas*, impropriamente denominados de pigmeus, que habitam a grande floresta tropical; 6) os bantos que se constituem na de maior número de integrantes e ocupam quase toda a região abaixo desta Floresta, desde o Atlântico até o Índico; 7) os *koikoi*, conhecidos pelos europeus de hotentotes, que ocupavam uma área muito grande no sul do continente, mas hoje estão reduzidos a uma estreita baixa entre o Atlântico e o deserto do Calahari, na Namíbia, e os *san*, mais conhecidos como bosquímanos, cuja história é semelhante à dos anteriores e que se deslocavam nas bordas do mesmo deserto, pelo lado oriental, entre o sul de Angola e o norte da África do Sul.

No contexto da arquitetura brasileira só interessam os bantos e os sudaneses porque foram eles que forneceram os imigrantes nosso país. Dentre eles, os bantos foram os mais importantes tanto pelo fato de serem mais numerosos como por se originarem das duas regiões mais importantes de emigração: a "costa" (Angola) e a "contra-costa" (Moçambique). Dentre eles, porém, não se deve excluir os que eram provenientes de Camarões, Gabão e Congo, como ficou demonstrado nos levantamentos por nós realizados.

## Os bantos

A tipologia arquitetônica mais comum entre os bantos era a assim chamada "cubata (construção) de cone sobre cilindro" embora houvessem muitas variedades tanto desta como de outras formas construtivas como é mostrado na fig. 1. As principais características destas construções são: a) a existência de uma só porta "protegida" por um fogo; b) a ausência de janelas; c) uma cobertura vegetal; d) edificação sobre uma plataforma de altura variável conforme a cultura; e) edificações monofuncionais; f) paredes de uma variada gama de taipas ou de palha e g) moradias formadas pela composição diversas edificações independentes.



Fig. 2: Algumas tipologias arquitetônicas angolanas

A tipologia denominada na África de “cubata de mocambo” (mocambo = cumeeira, ou seja, construção de duas águas) era pouco comum, e endêmica apenas na costa setentrional de Angola e em toda a ilha de Madagascar.



Fig. 3: Mocambo (aldeia) Maafale, em Madagascar

Uma das características mais específicas da arquitetura africana é o assentamento familiar em forma de *kraal*. Não foi encontrada uma palavra que traduzisse este conceito para o português. Um *kraal* é constituído por um terreno cercado que contém as diversas “cubatas”, locais de trabalho, a horta, as árvores frutíferas e de sombra (moradas de orixás), espaços cerimoniais, cercados de animais, etc. Por “cubata” deve ser entendido uma construção que abriga uma só atividade, como uma cozinha, um dormitório, uma sala de trabalho, um celeiro, um sanitário. Como cada “cubata” abrigava apenas uma função, um *kraal* era formado por diversas construções. As principais características de um *kraal* são: a) cerca externa delimitando o terreno; b) existência de diversas “cubatas”; c) existência de uma única entrada; d) a construção principal é do “chefe”; e) uma significativa variedade de atividade exercidas ao ar livre; f) existência de locais de plantações e de árvores (frutíferas ou de sombra) e, por vezes, g) a existência de curral para animais.

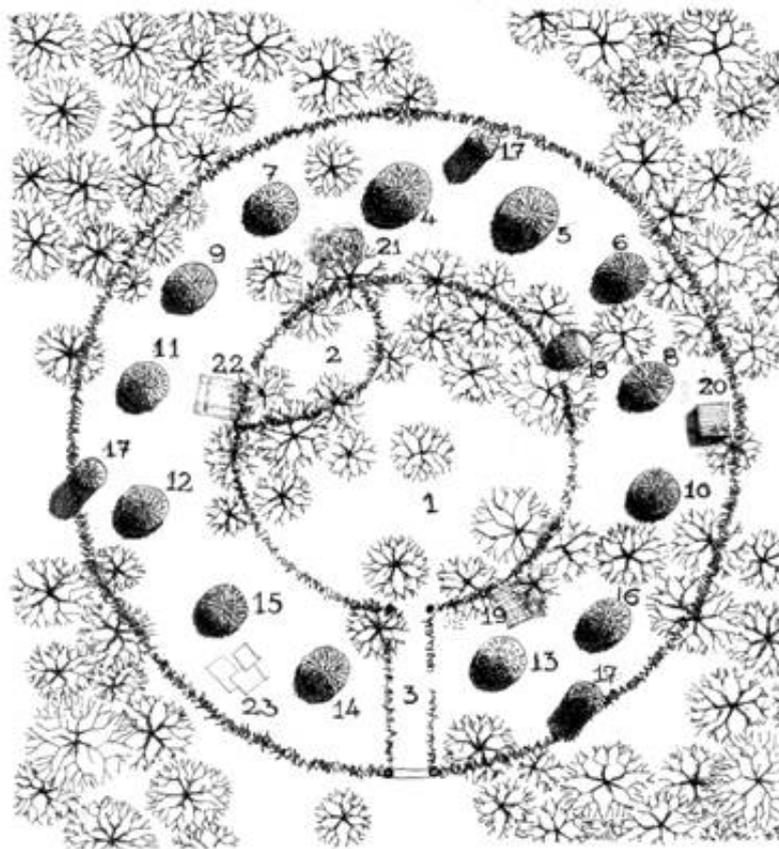


Fig. 4: Um *kraal* zulu do sul de Moçambique.

A conjugação de diversos *kraals* formava uma aldeia cujo nome mais comum é a da "quilombo" que é a palavra quimbundo designativa de vila. Portanto, não tem fundamentos as conotações pejorativas que a palavra acabou por receber no Brasil. Aqui a palavra "quilombo" deve ser entendida apenas como "aldeia de negros".

A grande variedade de culturas da linhagem banto deu origem a uma igual diversidade de formas urbanas dentre as quais devem ser destacados os quilombos devido a sua forma de adaptação ao Brasil. Via de regra, se tratavam de justaposições de *kraals* separados por uma via principal decorrente da divisão clânica interna da tribo.

Outra forma não menos importante embora mais rara é conhecida como "sanzala". Este tipo de aldeia é formado por uma rua central (aberta ou fechada nas extremidades) em cujos lados se agrupam em forma da fita, as numerosas "cubatas" que a integram. A ordenação das "cubatas" justapostas em fita seguia regras fixas de separação das diversas clãs.

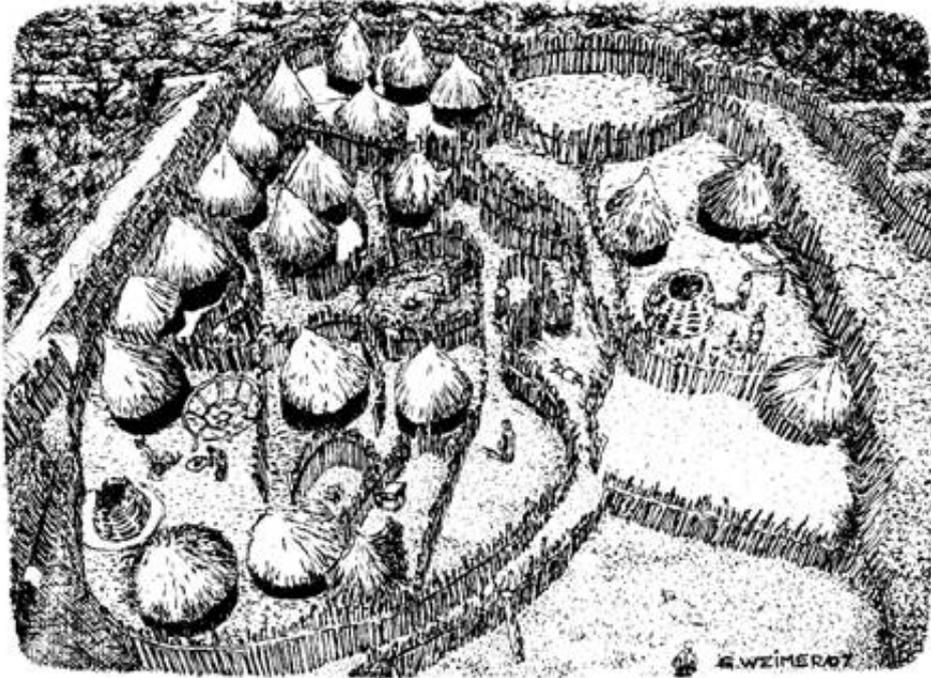


Fig. 5 : Um quilombo Cuanhama, sudeste de Angola.



Fig. 6: "Sanzala" Fang, do Gabão.

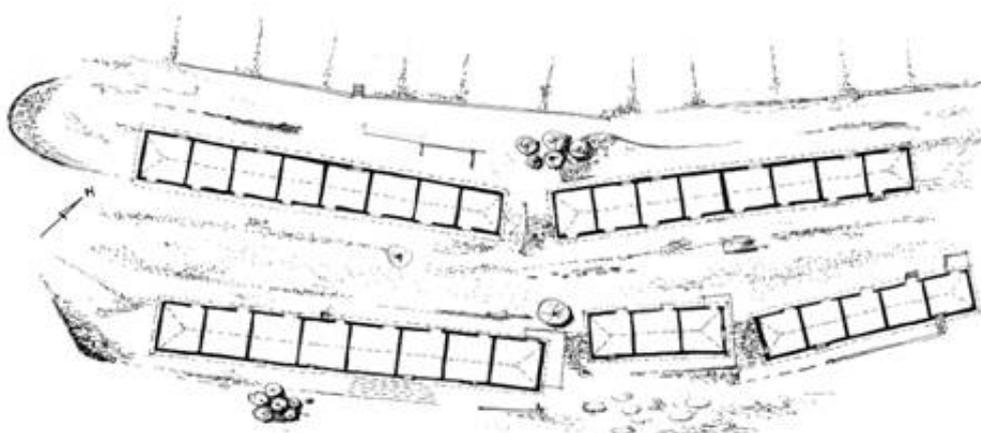


Fig. 7: Sanzala Quicongo, noroeste de Angola.

Semelhante ao modo como se formaram os quilombos, as cidades bantas também resultaram da justaposição destes aldeamentos. Como a sociedade africana se caracterizava pela forte coesão tribal, era comum que as cidades se organizassem a partir de setores onde cada qual é constituído pelos habitantes de uma só tribo. Em outros termos, isso se materializava na forma de assentamentos cortados por poucas, mas grandes e largas avenidas, mais ou menos paralelas e ortogonais entre si, formando o que poderíamos qualificar de super-quarteirões.



Fig. 8: Ponta da Ilha, Ilha de Moçambique.

Normalmente, cada super-quarteirão era dividido em quarteirões que podiam ser separados entre si ou por ruas ou por simples muros, por vezes, de considerável altura. Cada quarteirão se caracterizava por apresentar um limite murado externo e o acesso ao mesmo se dava por uma só entrada. Cada quarteirão se identificava pela tribo que o habitava, o que significava que em cada um deles se falava uma língua ou um dialeto que lhe era peculiar. Normalmente, cada quarteirão tinha uma rua principal que ligava a entrada até a praça central onde ficavam os edifícios mais importantes da comunidade. Dela e da rua principal derivavam ruas pequenas que se bifurcavam em caminhos e estes desembocavam em vielas. Este traçado era bastante complexo e requeria algum conhecimento prévio para o deslocamento desenvolvido através do mesmo. O casario, por sua vez, era formado pela conjugação de diversas construções ordenadas em torno de um pátio central e contornado por um cercado leve cujo modo de organização refletia claramente a estrutura do *kraal* rural com a diferença de ele era mais compacto o que, quase sempre, impedia a existência de uma horta, mas dificilmente deixava de existir alguma vegetação de porte seja por razões funcionais (o fornecimento de sobra e medicamentos) ou religiosas (habitação de orixás). Em regiões desérticas, evidentemente, a presença de árvores eram pouco significativa.

## Os sudaneses

Os sudaneses ocupam uma relativamente estreita faixa de terra entre o Saara e o Golfo da Guiné se comparada ao seu comprimento que se estendia do Atlântico às proximidades da região dos grandes lagos. Desde épocas pré-cristãs vem tendo contatos com as populações da África Branca dos quais sofreram algumas influências em razão das quais são, por vezes, e, equivocadamente, apresentados como sendo socialmente mais "evoluídos". Suas tipologias arquitetônicas eram mais variadas devido à variedade dos ecossistemas em que habitam. Quanto mais próximos do Saara, nas regiões semi-desérticas, seus *kraals* eram mais compactos e fechados por muros altos cuja finalidade era proteger as construções dos ventos muito quentes do deserto. Este tipo de construção é denominado de "casas-castelo".



Fig. 9: Casa-Castelo, norte do Benim.

Na região intermediária (de savanas) o clima é pouco mais ameno o que permite que os partidos fossem menos compacto e que as paredes de contorno dos *kraals*, menos elevadas. Comumente estas formas de *kraals* são denominadas de "casas-pátio".

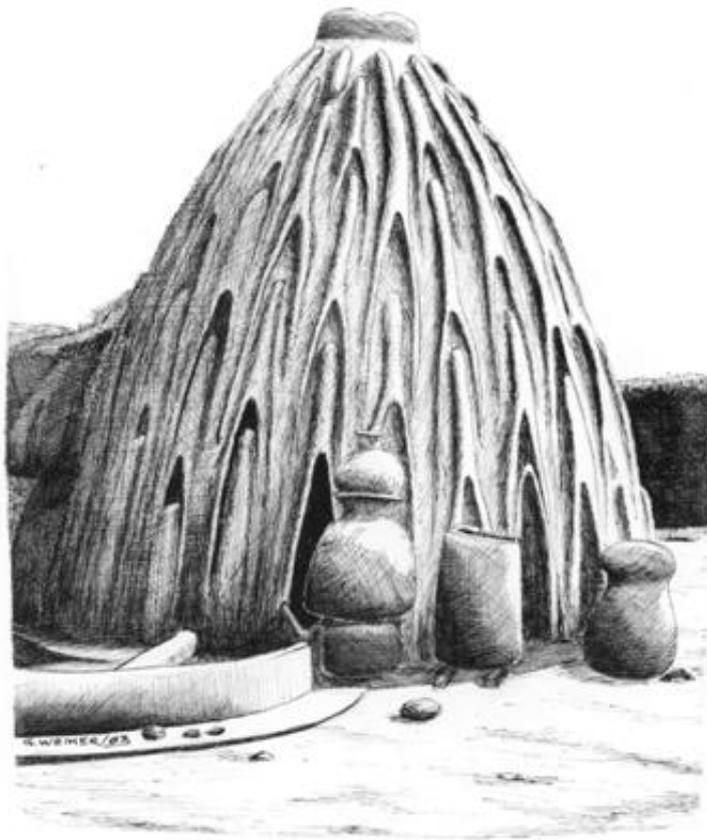


Fig. 10: Cubata Musgo, Sul do Chade.



Fig. 11: Casa-pátio Musgo, sul do Chade.

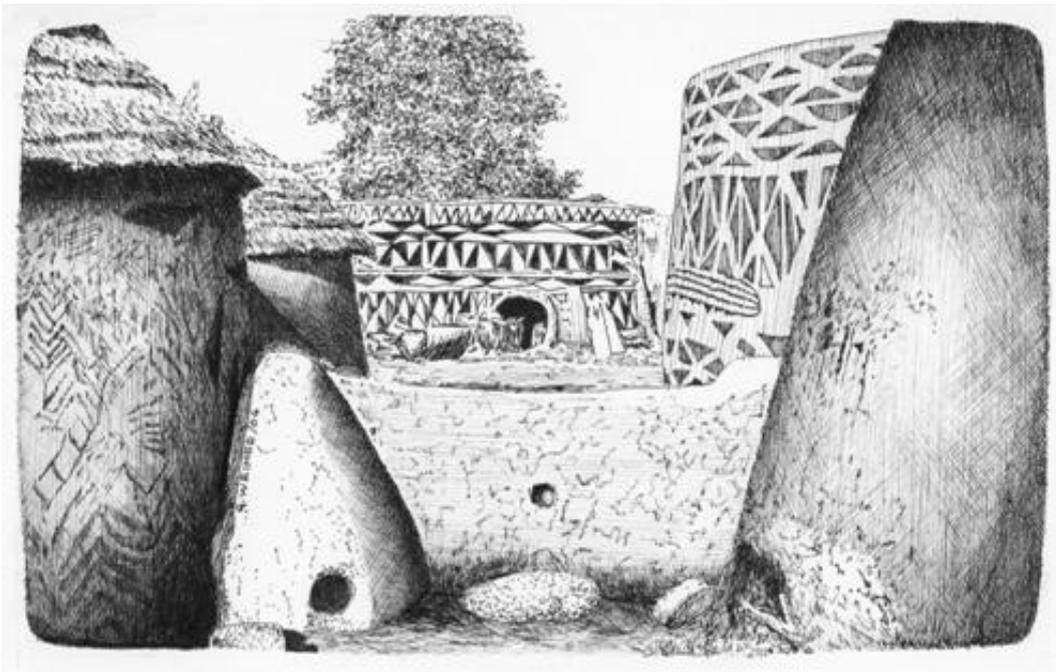


Fig. 12: Casa-Pátio Sirigu.

Na faixa litorânea, superúmida e de densas florestas, os *kraals* eram mais livres e abertos. Tipologicamente, havia uma grande variedade de formas – como, ademais, no resto da África – mas onde a porta colocada à direita da entrada do “mocambo” era largamente hegemônica ao contrário dos bantos, em que ela era, via de regra, colocada à esquerda. Como esta região apresentava uma costa provida de mangues e continha muitas lagunas e lagos, esta população aprendeu a construir suas vivendas em palafitas, sobre a água, pelo fato da temperatura ambiente ser mais baixa já que a energia solar era, parcialmente, convertida em vapor de água. Isso teve por consequência que a população destes aldeamentos pouco pisava em solo firme.



Fig. 13: Kraal nas montanhas de Santiago de Cabo Verde.

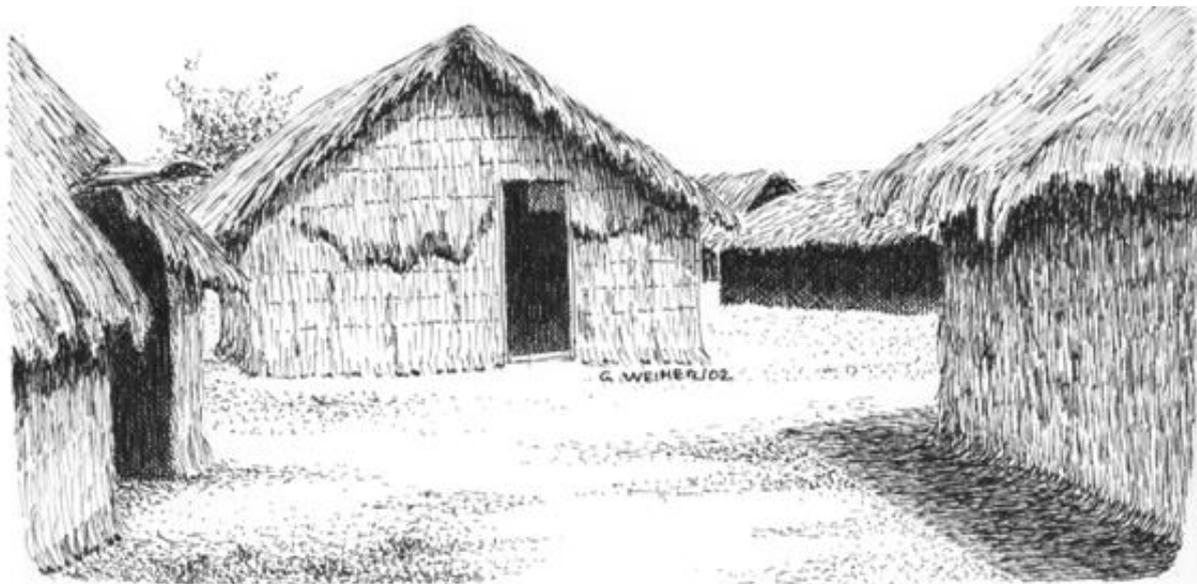


Fig. 14: Kraal Euê, na região costeira de Gana.



Fig. 15: Tabanca de Tofinou, Lago Noque, Benim.



Fig. 16: Tabanca Iene – Senegal.

O nome mais comum dado aos aldeamentos sudaneses era "tabanca" que, em geral, eram mais complexas que as dos bantos. Em primeiro lugar, por serem mais antigos o que permitiu uma maior experimentação em sua organização. Ao contrário dos bantos onde as práticas religiosas assumiram um caráter mais doméstico, os sudaneses cultivavam "bosques sagrados" (no Brasil chamados de "terreiros") periféricos ao aldeamento. Uma maior experiência na organização estatal fez com que as "tabancas" apresentassem uma organização interna mais próxima ao conceito de "zoneamento de usos" do urbanismo europeu. Em geral, a separação entre os diversos *kraals* era antes espacial do que físico de modo que a maior ou menor aproximação entre as "cubata" permitia identificar a individualidade de cada *kraal*.



Fig. 17: Planta de parte da cidade de Ilesha, Nigéria.

O mesmo fenômeno também aconteceu com as cidades sudanesas. Também aí as cidades eram formadas pela justaposição de "tabancas" cuja formatação era facilmente perceptível por simples percepção visual. Também aqui, a estrutura tribal era o principal fator da organização interna das cidades. As figuras seguintes são da região semi-desértica, intencionalmente escolhidas por não apresentar vegetação e, assim, serem de mais fácil leitura visual. De forma ainda mais visível, estas cidades também eram divididas em grandes quarteirões que também podiam ser subdivididos onde cada fração tinham poucos acessos. Na maior parte das vezes, ele era reduzido a um único.



Fig. 18 Cidade de Kano – Nigéria.

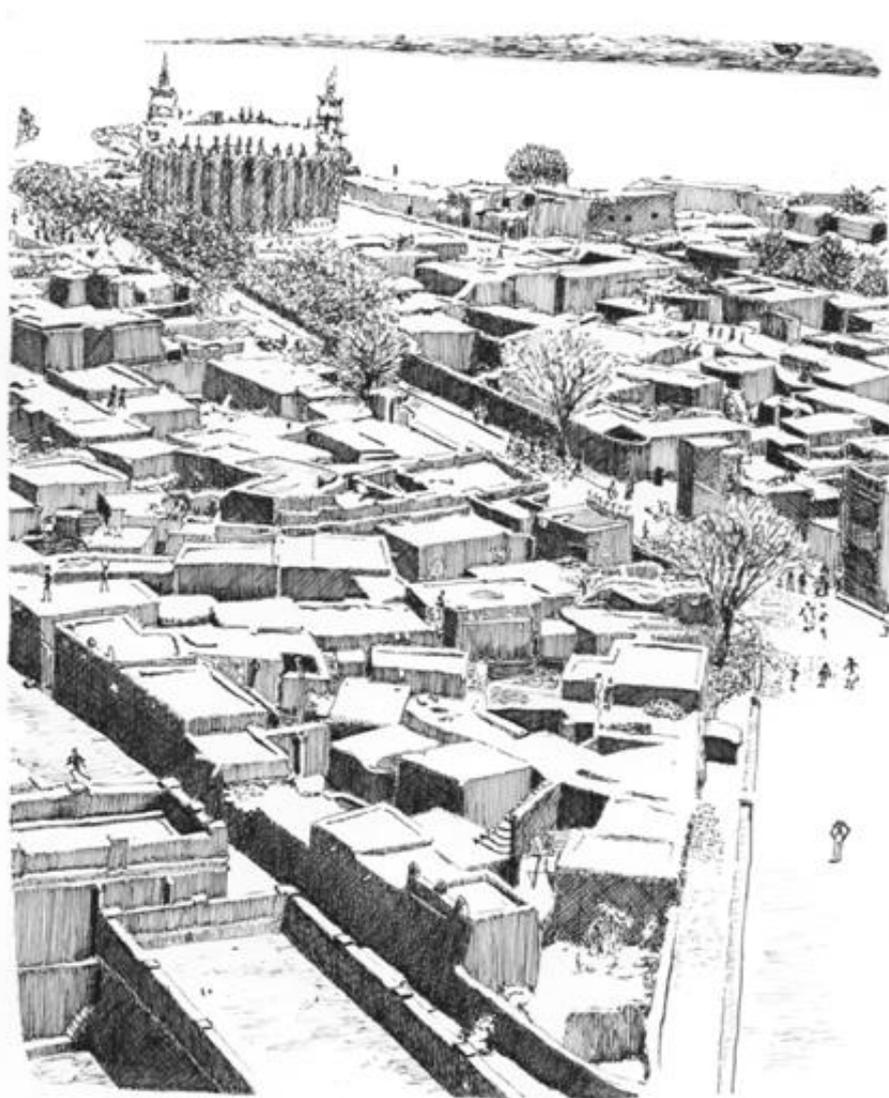


Fig. 19: Cidade de Mopti – Mali.

## **A arquitetura africana no Brasil**

Com a emigração forçadas para a América, os diversos povos perderam a sua identidade tribal (ganguela, quimbundo, etc.) para se transformarem em genéricos “negros” ao pisar em

solo americano. O contato com uma sociedade de características completamente diversos das da África, fez com que as novas organizações sociais afro-americanas e afro-brasileiras, em particular, tivessem de se reordenar de modo bastante diferente das tradicionais. Adquiriram, portanto, características peculiares que podem ser especificadas – dentro da perspectiva dos objetivos da arquitetura – com as seguintes características: a) uma generalizada homogeneização por via da destribalização; b) a família poligâmica foi substituída – pelo menos, oficialmente – pela monogâmica; c) as diversas culturas regionais africanas tiveram de se readaptar a um meio multicultural; d) a manutenção de fatores culturais africanos só foi possível através de adaptações a novas condições interativas dos diversos grupos formadores; e) devido às condições em que se processou esta imigração, a religião acabou por se consolidar como principal suporte da africanidade.

## **A habitação**

Traduzindo esta terminologia para a arquitetura, esta imigração teve por principal consequência a simplificação e diminuição das tipologias arquitetônicas. A forma hegemônica entre os bantos de construção de “cone-sobre-cilindro” praticamente desapareceu e foi substituída pela do “mocambo”. A extraordinária variedade de técnicas construtivas em solo africano sofreu um duplo processo de simplificação dos procedimentos africanos por via de sua maior eficiência sob o ponto de vista ecológico e de um procedimento de dupla-troca para com as culturas não-africanas (do colonizador e do ameríndio). Por outro lado, as construções africanas preponderantemente monofuncionais deram lugar às plurifuncionais como resistência à multifuncionalidade das construções do colonizador. Se as construções na África tinham, na maior parte das vezes, uma só porta como abertura, aqui as janelas – ainda que pequenas – mostram hoje terem sido amplamente aceitas.

Em alguns aspectos, no entanto, os africanos conseguiram manter os seus costumes que só ao longo dos séculos acabaram por encolher em seu significado. Referimo-nos especialmente, às atividades ao ar livre. Os viajantes do início do século XIX se deliciavam em representar as múltiplas atividades exercidas pelos negros nas ruas e nas praças de nossas cidades. Para eles, isso não passava de exotismos de um país tropical: certamente tinham dificuldade em entender que isso era um modo de vida africano que estava continuando a se perpetuar no país. Embora os hoje assim chamados “camelódromos” que se espalham pelas cidades do país sejam associados a “mercados persas” ou muçulmanos, por suas características, suas raízes estão mais ancoradas na África Negra do que na Branca.

As tipologias arquitetônicas afro-brasileiras podem ser divididas nas seguintes categorias: a) casas isoladas; b) senzalas; c) enxovias e d) quilombos. As mesmas podiam existir isoladamente ou cumulativamente, como pode ser percebido no desenho a seguir reproduzido e que foi reelaborado a partir de uma gravura de Debret.

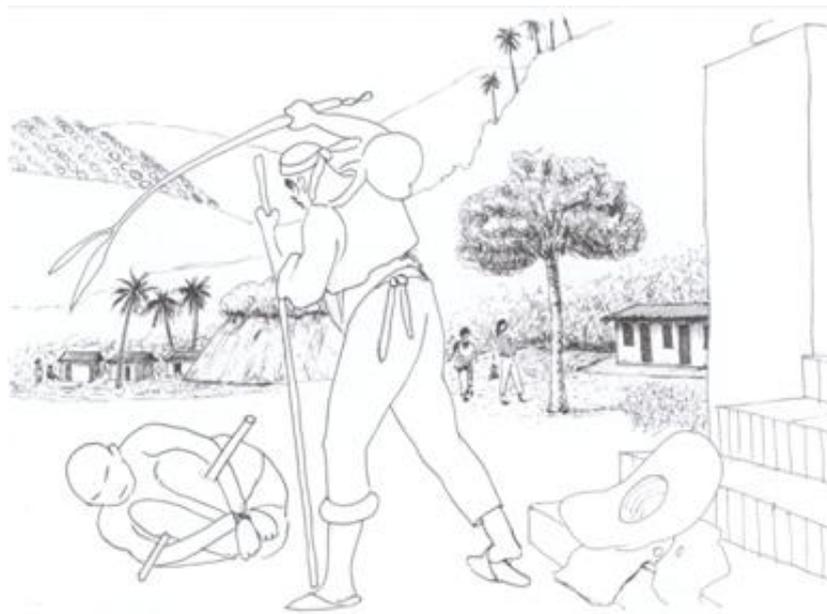


Fig. 20: Baseado em Debret: dois tipos de construções nos engenhos do Brasil.

Já foi visto que as construções do tipo cone-sobre-cilindro virtualmente deixaram de existir sendo raras vezes utilizados mais por seu valor simbólico em construções específicas para sublinhar a africanidade de sua função como barracas de venda de acarajés e assemelhados. De forma absolutamente hegemônica, se impuseram as casa de "mocambos", ou seja, de duas águas, o que não deve ser confundido com um tipo especial de construções de palha da periferia de Recife que recebem este qualificativo, embora estas tenham sido – corretamente – qualificadas como tais, mas, contrariamente ao que pensava Gilberto Freyre, elas muito pouco tem a ver com ancestralidade européia.



Fig. 21: Cabana turística de Pajuçara, Maceió.



Fig. 22: Casa africana em Porto Alegre, por volta de 1920.

Mas esta adaptação não foi uma via de mão única posto que a arquitetura do colonizador também passou a sofrer influências das formas africanas de construir como foi o caso típico da grande divulgação das diversas formas de taipa leves nas construções dos colonizadores, uma vez que em Portugal as construções mais comuns eram de pedra e de taipa-de-pilão de origem norte-africana, dos berberes.



Fig. 23: Mocambo da Barra do Pote, Ilha de Itaparica, Bahia.

Da mesma forma, as construções monofuncionais deram lugar a construções que se destinavam a várias atividades, mas que dificilmente chegavam à complexidade de uma casa

européia adaptada ao nosso meio.

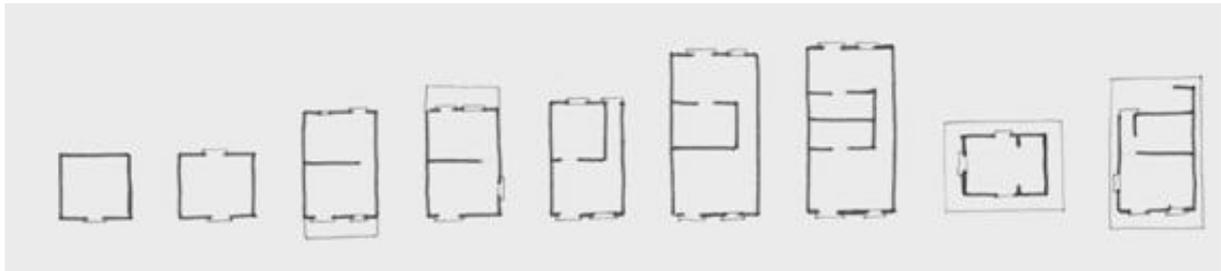


Fig. 24: Plantas baixas de morambos recifenses levantadas por Gilberto Freyre.

Em muitos lugares – nos mais afastados dos grandes centros – ainda persistem tipologias bantas, com uma única abertura, mas estas vão se tornando cada vez mais raras. A colocação de janelas pode encontrar alguma resistência em lugares remotos e, via de regra, as primeiras são gradeadas, do tipo denominado de “harr” que é originário dos contornos do Golfo da Guiné. Deste modo, a forma tradicional de ventilação da casa africana que consistia em deixar uma abertura no topo de todas as paredes por meio do afastamento do telhado – solução somente encontrada em descrições da primeira metade do século XIX – vem se adaptando aos modos de construção tradicionais do Brasil português.



Fig. 25: Mocambo da ilha de Itamaracá, Pernambuco.

Os negros no Brasil têm mantido a tradição africana de realizar atividades domésticas e de trabalho, em geral, ao ar livre que nada mais é do que uma adequação ergológica a um clima quente.



Fig. 26: Colônia de pescadores em Fortaleza, com casa semi-enterradas e locais externos de trabalho.

## O kraal

Ao que nos consta, não há na literatura técnica brasileira referência ao conceito africano do *kraal*. Dentre os viajantes do século XIX, somente Robert Walsh o cita uma única vez e, assim mesmo, equivocadamente. Isso levou a que estudos sobre os mesmos tivessem tido pouco desenvolvimento. No entanto, em estudo recente (de 1998), Sheila da Castro Faria os descreveu partindo de inventários da época de transição entre os períodos colonial e imperial. Segundo esta autora, os sítios fluminenses eram fechados por cercados de limoeiros e continham diversas construções que formavam a residência, além de conter plantações e árvores frutíferas, o vem a se constituir numa perfeita descrição de um *kraal* africano.

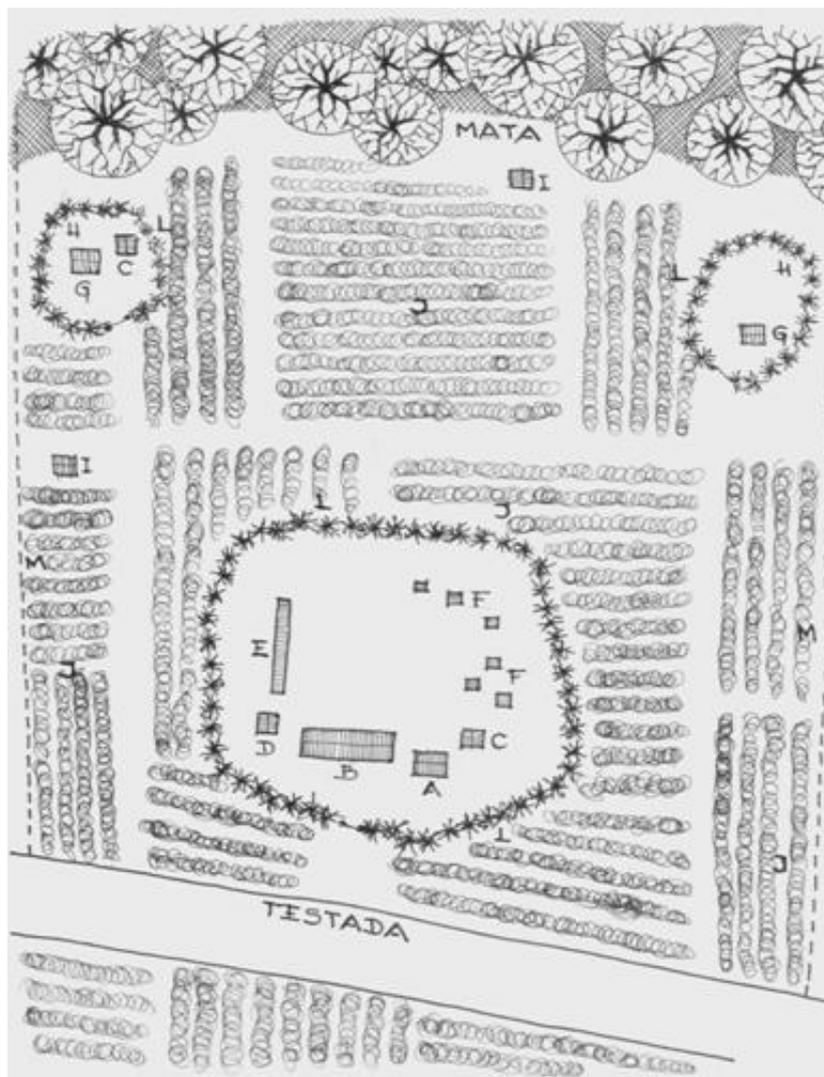


Fig. 27: Sitio de um engenho de açúcar, em Campos, RJ, séc. XVIII, seg. Sheila C. Faria.

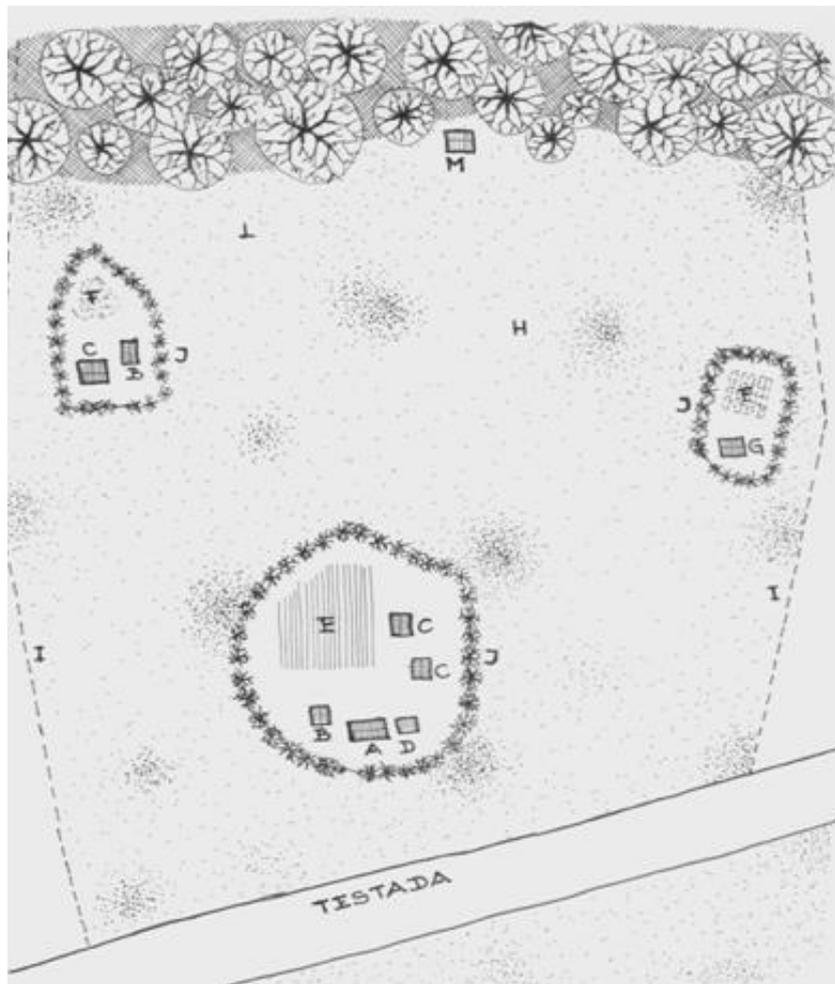


Fig. 28: Sítio de uma fazenda de gado, em Campos, RJ, séc. XVIII, seg. Sheila C. Melo.

Observações empíricas demonstram que os *kraals* ainda hoje se conservam em plena atividade, tanto em zonas rurais como nas cidades. O desconhecimento do conceito faz com que o *kraal* venha sendo confundido com "quilombo urbano" como é o caso do sítio da Família Silva, em Petrópolis, Porto Alegre, que se constitui no primeiro a ser reconhecido como tal no país após uma dura luta contra os interesses dos grandes empreendedores imobiliários.

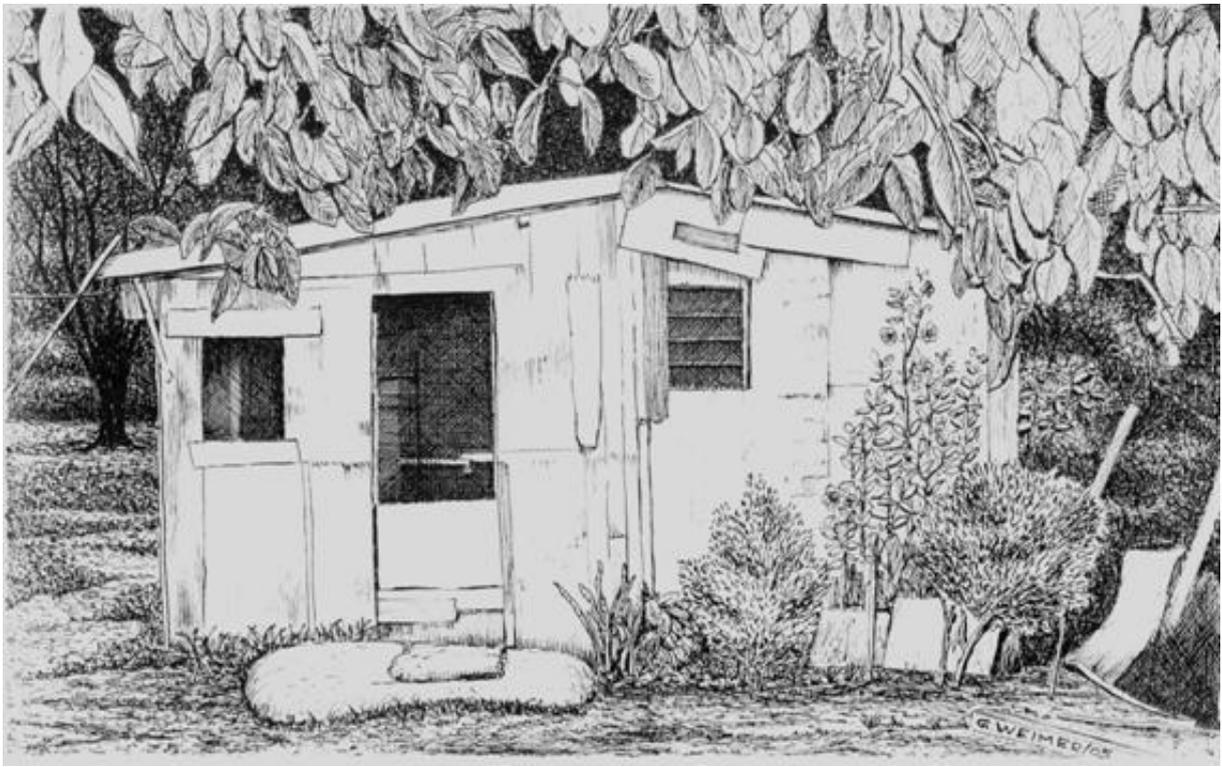


Fig. 29: O *Kraal* da Família Silva, o primeiro “quilombo urbano” a ser reconhecido no país.

## A senzala

A forma mais estuda dentre as tipologias arquitetônicas tem sido a senzala, designativo que evoluiu da palavra africana “sanzala”. Embora relativamente rara na África (endêmica em algumas regiões do Gabão e de Camarões), ela encontrou solo fértil no Brasil e deu origem a muitas cidades brasileiras. Como exemplos podemos citar Serinhaém a Porto Calvo.

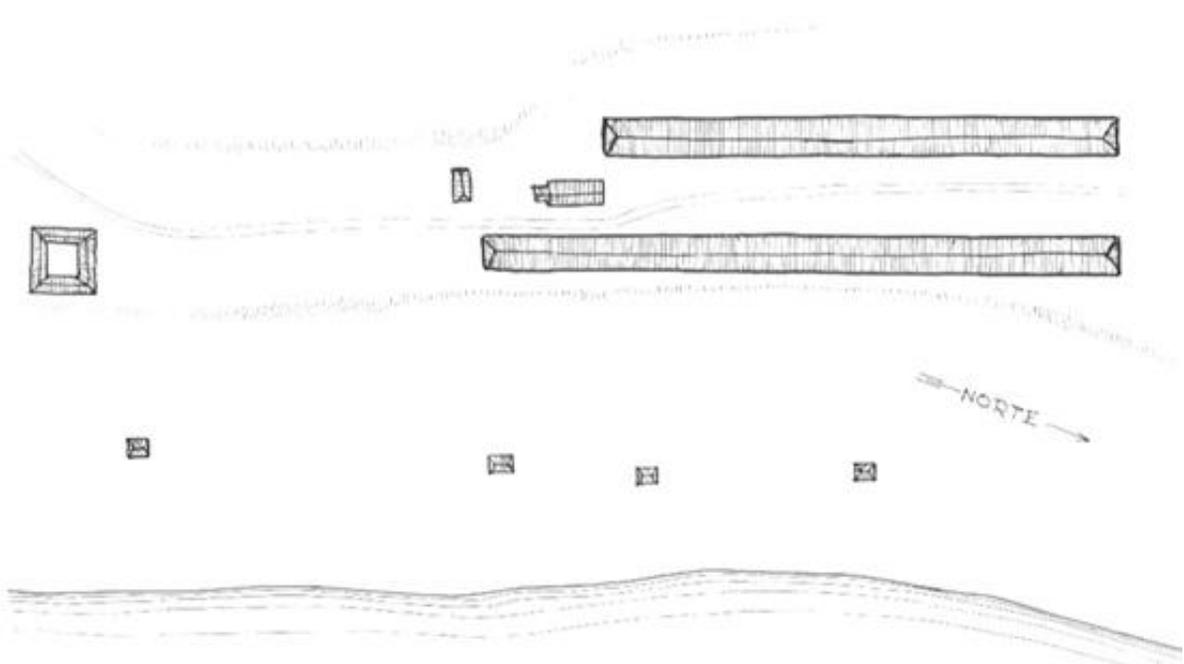


Fig. 30: Alagoas do Sul, 1640 (depois, vila Madalena, hoje, Mal. Deodoro)

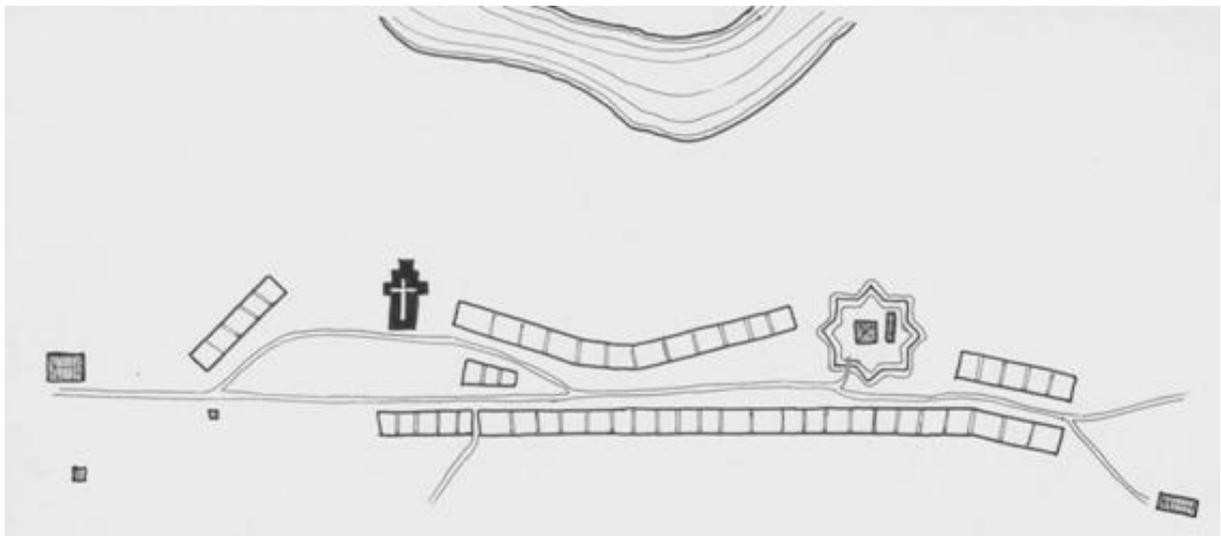


Fig. 31: Serinhaém, 1640, Pernambuco.

A fama das senzalas derivou do fato de ter sido empregada principalmente como habitação da mão-de-obra de engenhos e fazendas. Embora haja documentação da existência de senzalas de duas alas separadas por uma rua, como na África, a absoluta maioria das mesmas se reduziu a uma só, alegadamente, para favorecer o controle dos cativos. A mais antiga documentação sobre sua existência provém de fontes holandesas, mas é provável que elas já existissem antes do domínio batavo no nordeste.



Fig. 32: Uma capela e uma senzala dupla, baseado numa gravura de Frans Post



Fig. 33: A senzala entre o palácio e a casa de Maurício de Nassau, conforme desenho de Zacharias Wagener

Com a abolição da escravatura, as senzalas perderam sua função e somente as construções mais resistentes se mantiveram até nossos dias. Como a maioria era de consistência precária, de taipa e cobertas de palha, elas desapareceram. Por isso é-se forçado a recorrer a documentos históricos para saber de suas características no passado. E esta demonstra que as mesmas desempenhavam um papel muito importante na configuração plástica dos engenhos.

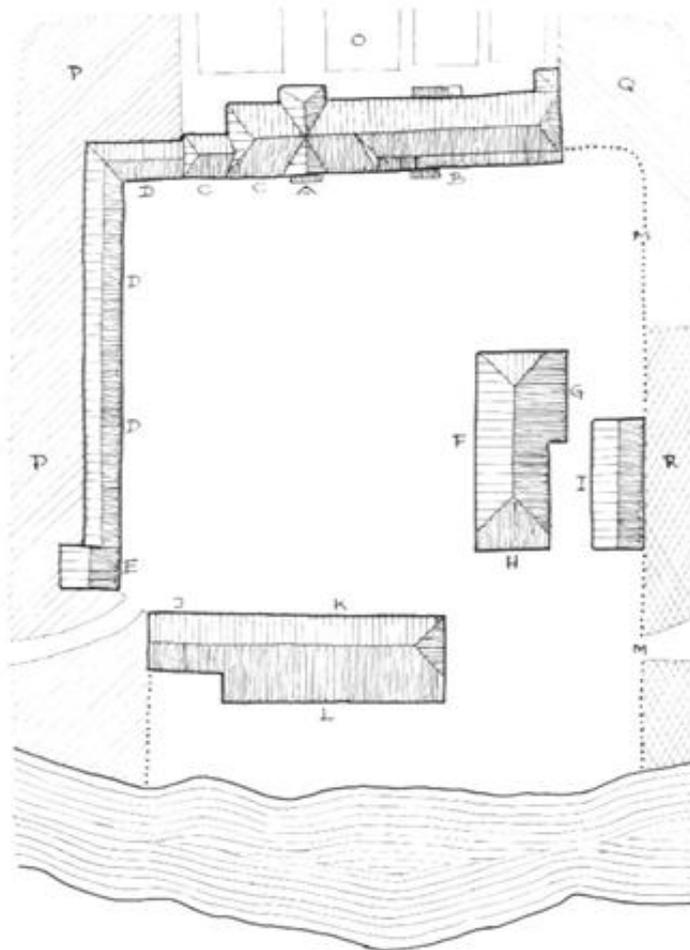


Fig. 34: Esquema de um engenho de açúcar, segundo Vauthier, com destaque da senzala (d).

As senzalas, normalmente se destinavam a trabalhadores solteiros que eram separados por gênero. Na África eram providos de alpendres ou não, conforme a cultura do povo que as construía. Esta dualidade também foi mantida no Brasil, o que é mais uma demonstração de que os alpendres eram originais do continente negro e não da Ásia, como consta da literatura oficial.



Fig. 35: Senzala com varanda no Engenho da Vitória, Bahia.



Fig. 36: Senzala sem avarandado, no Engenho de Uruaê, Pernambuco.

Com a imposição por parte da Inglaterra proibindo as migrações forçadas através do Atlântico, melhoraram consideravelmente as condições de vida nas senzalas do mesmo modo com as condições de trabalho dos escravos. E isso foi amplamente benéfico para todas as partes, posto que aumentou a produtividade, cresceu a riqueza e melhoraram as condições de vida dos trabalhadores negros.

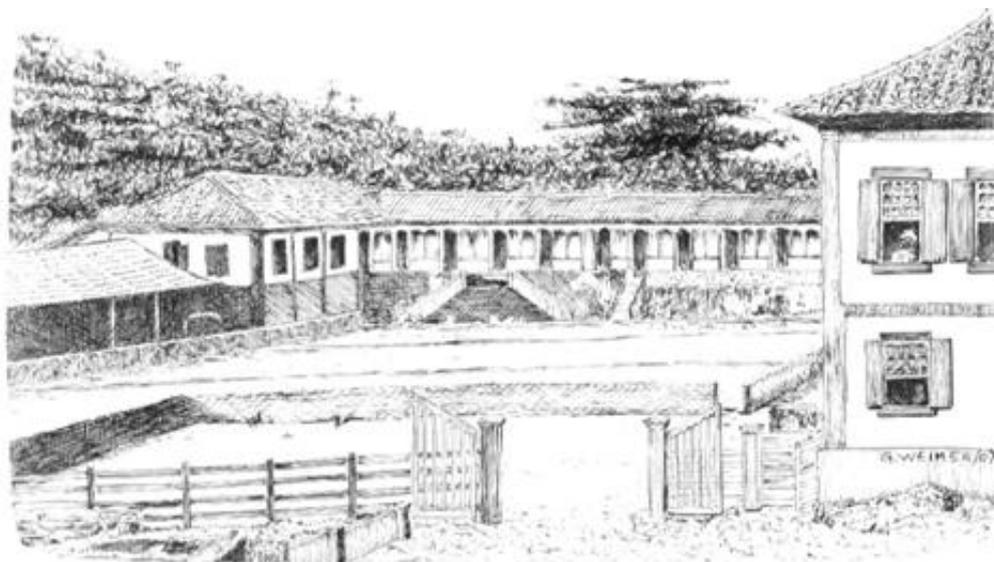


Fig. 37: Fazenda Fortaleza de Santana, em 1865.

Com a abolição da escravidão, as senzalas perderam sua função. Por isso lhes foram dadas novas utilização, entre as quais a de moradia de imigrantes europeus.



Fig. 38: Fazenda do Pinhal, São Paulo.

Mas a abolição não extinguiu sua existência: elas ainda continuam a ser construídas ao longo das costas tropicais do Brasil.



Fig. 39: Senzalas hodiernas adaptadas sobre palafitas na Lagoa do Jansen, em São Luis do Maranhão.

## As enxovias

A palavra "enxovia" é de origem árabe e significa "prisão", "cárcere". Portanto, não é adequado para definir as moradias dos escravos domésticos. Mas é o termo que para tanto tem sido empregado. É provável que as enxovias existissem desde o início do sistema escravocrata, mas Roger Bastide pensava que elas teriam surgido durante o ciclo do ouro como consequência de um trabalho mais próximo entre escravizadores e escravizados. Nas ilustrações seguintes temos um casarão com um muro com um portão por onde passavam os escravos na ida e na volta das minas e no outro, o pátio dos cativos com os acessos às enxovias, no térreo de Sabará, no auge do ciclo do ouro.

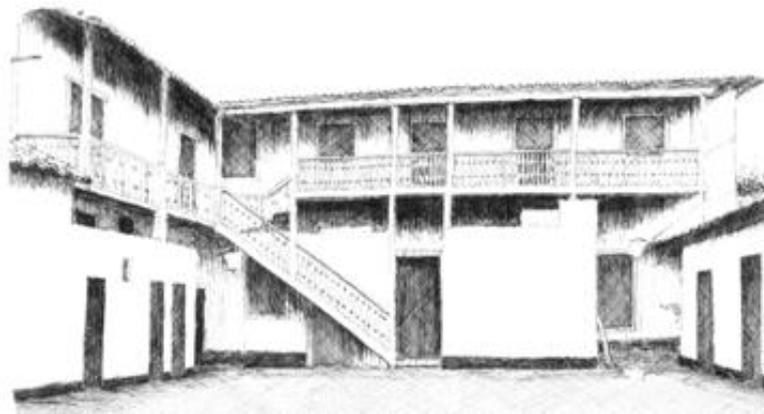


Fig. 40: Museu do Ouro em Sabará, Minas Gerais; Um sobrado com enxovias no térreo.

As condições de vida destas enxovias melhoram sensivelmente a partir da proibição das migrações forçadas, em meados do século XIX. Nesta época, socializou-se o costume de colocar as enxovias nos porões das casas dos senhores e implicava na necessidade de uma convivência menos tensa, como pode ser visto na ilustração da Fazenda de São Lourenço, no Vale do Parnaíba, no estado do Rio de Janeiro ou na da Fazenda da Figueira, em Barra do Ribeiro, no Rio Grande do Sul.

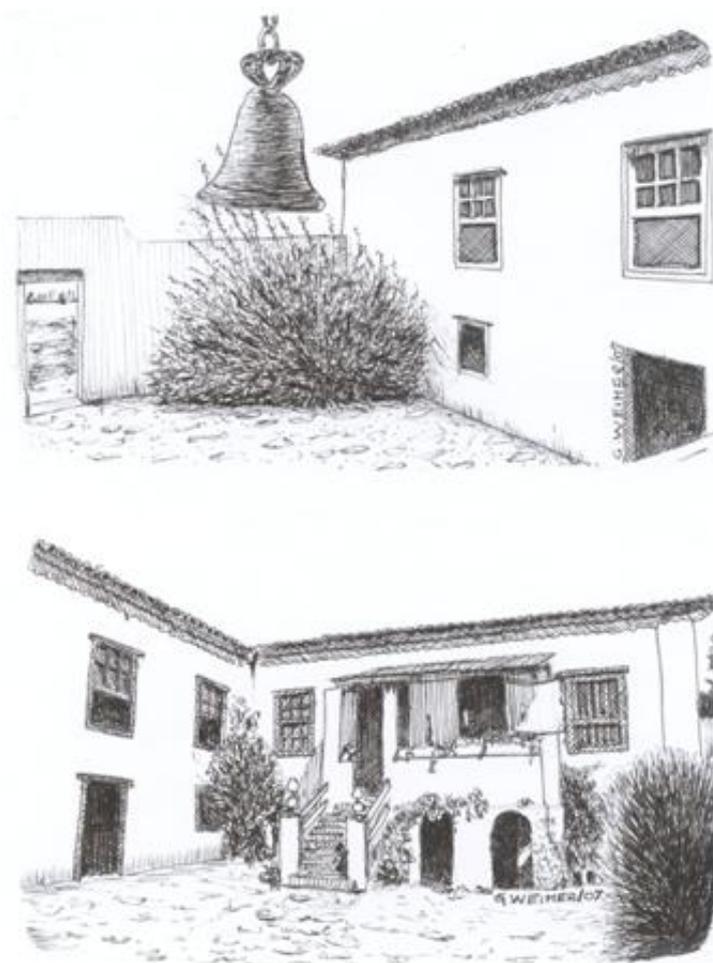


Fig. 41: Duas vistas do pátio interno da Fazenda da Figueira, em Barra do Ribeiro, RS.

## Os quilombos

Os aldeamentos africanos foram muito variados em suas formas e dimensões. A denominação mais comum que receberam no Brasil foi a do termo quimbundo “quilombo” que nada mais queria dizer além de “aldeia”. Conotações como “covil de negros fugidos” etc. foram inventadas pelos escravocratas e que nada tem a ver com a origem africana do termo.

Um cuidado que deve ser tomado em relação ao termo é o de que o famoso “Quilombo dos Palmares” não era, de fato, um quilombo, mas uma federação de quilombos como, na época, era corrente região hoje ocupada pela Nigéria. Como pode ser visto no mapa reproduzido a seguir, Palmares eram uma federação de onze quilombos localizados na Zona da Mata, entre Alagoas e Pernambuco.



Fig. 42: Mapa do “quilombo” dos Palmares.

Da mesma forma como as enxovias e as senzalas, os quilombos devem ter surgido já no século XVI, como uma tentativa de reconstituição dos modos de vida africanos e, como tal, não devem ser idealizados como “territórios livres da escravidão” como têm sido feito amiúde, posto que a escravidão na América foi uma transposição da existente na África.

Os mais antigos documentos disponíveis até o momento, provém do século XVIII, dos quais reproduzimos o do Buraco do Tatu, em Itapuã, próximo a Salvador (área hoje já incorporada no perímetro urbano da cidade) e de São Gonçalo, na região mineiras de Minas Gerais.

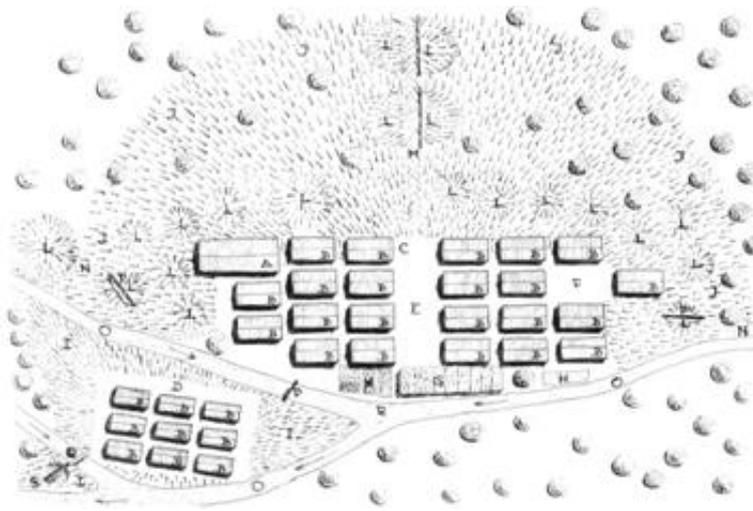


Fig. 43: Quilombo do Buraco do Tatu, em Itapuã, Salvador Bahia, séc. XVIII

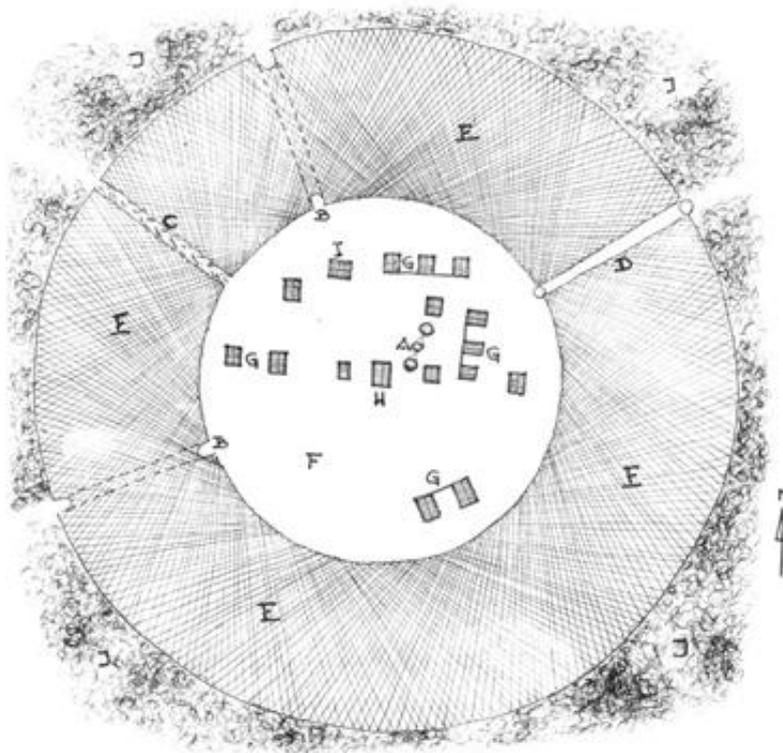


Fig. 44: Quilombo de São Gonçalo, Minas Gerais, séc. XVIII

Ao longo da história, a formação de quilombos tem sido um processo continuado e incessante. Espera-se que a obrigatoriedade da elaboração de laudos antropológicos necessários para a concessão de títulos de propriedade aos "remanescentes de quilombos" venha a trazer novos conhecimentos sobre a dinâmica de sua formação e desenvolvimento. É evidente que a real extensão dos "quilombos urbanos" ultrapassa a capacidade financeira do Estado em proceder às desapropriações impostas pela constituição. Provavelmente, só na cidade de Salvador da Bahia cerca de três quartas partes da área urbana teria ser desapropriada para tal finalidade se a lei fosse respeitada.

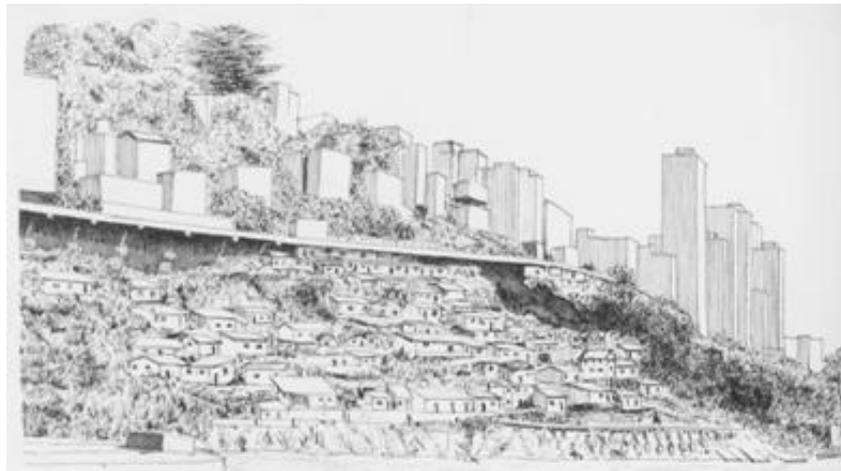


Fig. 45: Aspecto de um trecho do centro histórico de Salvador com um "remanescente de quilombo".

Os quilombos urbanos cresceram de forma tão desmesurada que hoje, em muitas cidades, sua extensão se aproxima (e, em alguns casos, ultrapassa) da metade de sua área de ocupação. Com nomes que variam de região para região, estes assentamentos negros majoritariamente são denominados de "favelas", se tornaram mestiços. Mas, por seus habitantes serem, em maioria, negros, as formas tradicionais africanas acabam por se impor. E é extraordinária a semelhança que a maioria mantém com suas matrizes do continente negro.



Fig. 46: Favela do Itararé (complexo do Alemão) Rio de Janeiro, atualidade.



Fig. 47: Favela da Casa Amarela, Recife, Pernambuco (atualidade).

Como em seus redutos a pobreza é grande, as autoridades têm empreendido ação de "saneamento" que consistem em substituir as formas tradicionais de moradias por novas, sem respeitar os valores tradicionais da sociedade africana. Por isso, os resultados destas intervenções têm se mostrado desastrosas.

A existência de bairros inteiros construídos sobre palafitas em sobre águas rasas têm escandalizado sucessivas administrações públicas que se esforçam em "saneá-las", o que significa que estas áreas aterradas e, depois, são concedidos lotes para a construção em terra firme. Estes empreendimentos também têm alcançados pouco êxito posto que, mal concluído os aterros, ressurgem as palafitas. A razão maior destes equívocos é que a administração oficial não tem levado em consideração o fato de que morar sobre palafitas se constitui numa tradição multissecular destas populações. Não é suprimindo-as que se "acaba com o mal". O que teria de ser feito é melhorar as condições de habitabilidade destas populações respeitando suas tradições e seus costumes.



Fig. 48: Alagados da Ponta de Itapagipe, Salvador, Bahia (atualidade).



Fig. 49: Alagados da Ponta de Itapagipe, Salvador, Bahia (1968).

A mesma coisa pode ser dito a respeito de imensos bairros que têm sido construídos sobre mangues das regiões tropicais, sejam elas ribeirinhas, lacustres ou marítimas da mesma forma com em áreas inundáveis em latitudes subtropicais.

## Os retornados

Um assunto virtualmente virgem no Brasil tem sido a existência de um bom contingente de ex-cativos que, após a abolição, foram repatriados para a África. A não ser da parte de Pièrre Verger e alguns poucos audaciosos, a matéria continua um tabu. Porém, a existência em numerosas cidades africanas da costa oeste das assim chamadas "casas brasileiras" atestam que prática foi comum e não pouco expressiva. Estes autores estão unânimes em ressaltar a variedade de suas expressões plásticas que acompanham, em larga escala, os modismos arquitetônicos brasileiros da virada do século XIX para o seguinte.



Fig. 50: Dois sobrados "brasileiros" em Ile-Ife, na Nigéria.



Fig. 51: Sobrado "brasileiro" em Lagos, Nigéria.

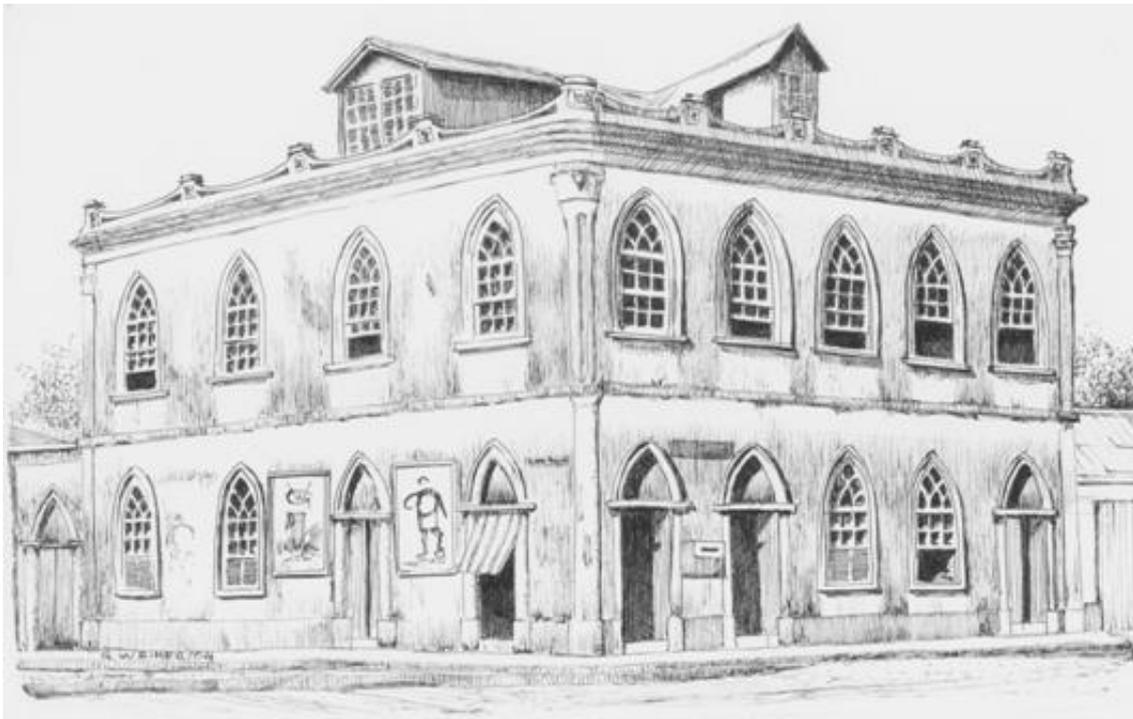


Fig. 52: Sobrado "brasileiro" em Lagos, Nigéria.

De uma forma simplista, estes autores são unânimes em interpretar estas construções - sobrados, em sua maioria - como sendo uma transposição pura e simples dos casarões brasileiros para o solo africano. Como brasileiro, pessoalmente, me sentiria honrado se tal tivesse acontecido. No entanto, a história deve ser construída em cima de fatos e documentos e não em cima de ideologias por mais simpáticas que elas sejam. Por isso mesmo, lamento não ter encontrado elementos que confirmem esta concepção. A arquitetura é um fenômeno mais complexo do que a simples aparência exterior das construções. As plantas baixas dos sobrados africanos demonstram muito claramente que a volta à Mãe África - como costumam dizer as lideranças afro-brasileiras - também foi um retorno aos modos de vida e de concepções africanas. Nossas análises dos dados disponíveis demonstram que, ao lado de aspectos exteriores inegavelmente influenciados pela arquitetura do fim do período imperial do Brasil, as organizações espaciais internas destas construções remetem diretamente às tradições tribais africanas repedindo o mesmo processo verificado com a chegada dos imigrantes negros quando de sua chegada ao nosso país: para poderem conservar a sua africanidade, tiveram de abrir mão de uma série de modos de vida e de procedimentos sociais que lhes eram familiares. Assim também aconteceu com seu retorno: para conservar suas características "brasileiras" - materializadas na opção preferencial pelo sobrado de origem ibérica - os retornados tiveram de optar por uma reintegração (forçada ou consentida) às tradições tribais locais.

## Conclusões

As convicções que temos adquirido ao longo desses estudos, nos levaram a concepções que divergem em larga escala das que são professadas correntemente. Isto fica evidenciado em críticas que nos foram dirigidas como as de que estaríamos empenhados em "estetizar" as favelas ou procurar justificativas para a existência e perpetuação da miséria. Nada mais equivocado que estas formas de entender os objetivos de nossas investigações. Como há consenso de que cada povo e cada nação tem características próprias e peculiares, por que não admitir que isso também vale para nossos patrícios negros? Assim, estamos convencidos de que somente podemos dar soluções técnicas de nossa profissão se conhecermos seus universos de compreender e perceber o mundo e a sociedade.

A primeira e principal conclusão à qual estes estudos nos têm conduzido é a constatação que, para entender as formas de vida dos descendentes dos africanos no Brasil, é imperioso começar por procurar entender as condições de vida e as concepções sócio-culturais da matriz africana. A população africana é a mais sedentária do planeta e ao longo dos milênios desenvolveu características próprias de se relacionar entre si e com o mundo e que se caracteriza pela alta sintonia com seu meio ambiente.

O entendimento de suas idiosincrasias, de seus saberes e de suas formas de relacionamento demonstram serem equivocadas muitas “verdades” a seu respeito que são constantemente repetidas e não têm o menor fundamento. Um exemplo típico é o de que as senzalas não tinham janelas ou, quando as tinham, as mesmas eram gradeadas, para evitar a fuga dos cativos. Tampouco podem ser admitidas como verdadeiras formas estáticas de modos de morar e de relacionamento inter-étnicos. Desde a chegada dos primeiros imigrantes africanos, seus modo de vida têm sido implantados e continuam vivos em nosso país. Se constitui num reducionismo inaceitável admitir que a participação dos negros no Brasil se limita a certas formas musicais e a participações em algumas modalidades de esportes.

No caso específico da arquitetura, tudo leva a crer que a participação dos conhecimentos da construção tenham sido muito profundas até mesmo nas formas mais sofisticadas da arte (matéria que não foi devidamente analisada no presente trabalho), mas não resta a menor dúvida de que as formas africanas foram determinantes em grande parte do fazer popular de nossa arquitetura. Desde o início formas de conurbações africanas deram origem a muitas vilas e cidades brasileiras e até hoje um alto percentual do território das cidades brasileiras segue modelos africanos.

Por tudo isso, é necessário que estes estudos sejam ampliados e aprofundados para que possamos ter uma concepção mais precisa dos vetores que modelam a nossa maneira de ser.

[1] Arquiteto pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRGS, em 1963. Doutor em Arquitetura pela FAU-USP, em 1991. Mestre em História da Cultura pela PUCRS, em 1981. Especialista em Desenho Industrial pela Hochschule für Gestaltung de Ulm/Alemanha, em 1967. Professor titular aposentado da FAU-UFRGS, da UNISINOS e da FAU-PUCRS. Professor em cursos de pós-graduação da FAU-UFRGS e da FAU-PUCRS. E.mail: gunterweimer@gmail.com